



CARALÂMPIA

Filipi Gradim

30 miliampères

De pé, com os eletrodos nas mãos, o doutor Salgado estava a postos para iniciar outra sessão de eletroconvulsoterapia do Hospital Psiquiátrico Pedro II. Encontravam-se, na estreita e penumbrosa sala de aplicação, apenas ele, dois enfermeiros e Fernando, o paciente. Este se achava deitado na maca, preso por cintos grossos e bem afivelados, que o mantinham em segurança. Ainda assim, as amarras não eram eficazes, pois se a mobilidade física estava limitada, não se dizia o mesmo das emoções. Em tal situação agressiva, figurava impossível conter-se no desespero. Gritar era a única forma de exercer o pouco que tinha de liberdade. Fernando se remexia, se contorcia, se debatia na maca.

— Pelo amor de Deus! Me tira daqui! Não sou doido, não... Não! Não!!

Salgado, indiferente aos apelos, molhou as têmporas do paciente inquieto. Um dos enfermeiros fez Fernando se calar, atufando um lenço em sua boca. Depois regulou a potência da caixa em amperes, enquanto seu colega apoiava o dedo sobre o pino que efetua a descarga elétrica. Aguardavam apenas o sinal. Pron-

tamente, o doutor meneou a cabeça, encostou os eletrodos nas duas têmporas de Fernando e a sessão começou.

Na primeira descarga, o paciente convulsionou fortemente, vindo a formar um semiarco em sua coluna, devido à contorção na maca. Repetiu várias vezes o movimento, o que tornava patente a extrema dor que sentia. Irrompeu de sua boca densa espuma. Apesar disso, Salgado continuava afirmando com a cabeça, transmitindo o comando ao enfermeiro. 30 miliampères. Três, quatro descargas. Fernando sacudia menos.

— Doutor! A coisa é grave. O paciente está golfando sangue.

Pátio

Vestido em seu pijama amarrotado, Fernando cruzou o pátio interno do hospital arrastando os chinelos. A manhã de quinta-feira trazia a claridade suave do outono. De modo que era possível ouvir os colibris brincarem soltos nos galhos da frondosa mangueira que acolhia os pacientes com sua sombra fresca. Caminhava curvado, com dificuldade, em razão das dores musculares resultantes das convulsões. Avistou um banco de madeira vazio embaixo da árvore. Arfava um pouco. As pernas estavam trêmulas e vacilantes. Sentou-se. Pressionou a cabeça com as duas mãos sentindo os efeitos do eletrochoque. A boca mantinha o gosto amargo do sangue que havia expelido no dia anterior. O semblante era péssimo. A testa larga franzia. Os olhos verdes opacos feito rocha miravam o vazio.

Permaneceu ali, emudecido, impassível. Ventava suave. O desfolho das árvores provocava uma chuva seca por cima do ban-

co e por cima de sua cabeça. Com o trespassar das nuvens, o sol abriu um rasgo no céu e se irradiou sobre a face abatida do doente. Nada se alterou, mesmo com aquela luz celeste cintilante, mesmo com a inusitada cena que se armava a metros dali. No canto, ao fundo, rente à parede do ambulatório, pacientes se divertiam com uma bola de pano improvisada. Corriam. Gritavam. Festejavam o gol na trave imaginária como se disputassem a pelota no campo, nos tempos da liberdade e da sanidade, quando não eram reféns nem da esquizofrenia nem da internação.

O rosto de cada um dos brincantes parecia ter recuperado o elã de vida perdido. O pátio ganhou coloração vibrante. Quem andava apático ou arredio apresentou melhora no comportamento, desde o momento em que Milton, o enfermeiro responsável, pegou um pano velho que estava jogado no chão e o transformou em uma bola.

No meio das folhas que faziam do chão um agradável tapete amarelo ocre e das rachaduras do concreto que causavam irregularidades no piso, os pacientes corriam de um lado para o outro, esquecidos da tristeza e da solidão daquele ambiente pouco acolhedor. Milton aproveitou para interagir com os pacientes. Unia-se a eles, ainda que aquela não tivesse sido ideia sua, já que, na verdade, cumpria ordens da nova responsável pelo setor de terapia ocupacional, a recém-chegada doutora Nise da Silveira.

Anjo

O futebol seguia entretendo os pacientes. Da janela, a doutora Nise observava a partida se desenrolar. No entanto, sua atenção estava dividida. Pois, sentado no banco de madeira se encon-

trava Fernando, tão apartado de tudo, como se não pertencesse a lugar nenhum. Nise percebeu a solidão do paciente e, por ser nova no hospital, pretendia se fazer conhecida por ele. Levou a xícara aos lábios e finalizou o chá. Encaminhou-se até o fundo do pátio e notou que o paciente permanecia encurvado, encolhido e triste.

— Não quer se juntar aos outros? O jogo está tão divertido... Me chamo Nise. Pode se abrir comigo, meu anjo... — disse segurando as mãos do doente.

— Anjo... — balbuciou Fernando — Nunca mais. Ninguém. Ouvi.

Em seguida os olhos, que estavam caídos e semicerrados, se abriram afetados com o simples toque da doutora. As mãos macias de Nise, o suave gesto, arroubava da memória um sentimento de proteção que há tempos não experimentava. Os outros doutores não agiam assim. Salgado, por exemplo, ou desconhecia o nome dos pacientes ou os confundia frequentemente. Também nunca foi de demonstrar afetividade ou preocupação sincera com os diversos sofrimentos mentais dessas pessoas. Cumpria deveres e seguia protocolos. Nise, no entanto, abriu a brecha para algo inexplorado na abordagem médico-paciente. Por isso, Fernando, mesmo em estado catatônico, depois da bruta sessão de eletrochoque, conseguiu ter a mínima reação àquele estímulo delicado.

— Anjo... — balbuciou outra vez.

Vira-lata

Os dias transcorreram e Fernando não apresentava evolução no quadro psíquico. As intensas dores de cabeça que o per-

seguiam, as noites de sono mal dormidas e os gritos durante a madrugada eram tormentos incessantes. Ele deixou de ser um paciente sociável. Isolou-se radicalmente no banco de madeira do pátio. Enraizou-se de tal forma naquele pequeno cosmos doentio que era impossível travar diálogo com quem quer que fosse. Apenas as folhas secas da mangueira lhe faziam companhia, porque a natureza só cala e consente e não pode julgar o silêncio insuportável de um homem despedaçado por dentro.

A doutora Nise havia começado com a oficina na sala de terapêutica ocupacional e reabilitação. Alguns pacientes se sentiram atraídos pela forma espontânea e humanizada com que os tratava. Não tardou conquistar a simpatia deles e lhes estimular a desenvolver atividades que tinha em mente como a pintura, o desenho e a escultura. Basicamente eram essas as propostas alternativas da oficina, a partir da qual visava intercalar com as atividades rotineiras e, principalmente, reavivar o espírito dos pacientes.

Nise convidou Fernando para incorporar o grupo, oferecendo-lhe pincel, tinta e tela, mas o esforço terminou em vão. As dores que ainda grassavam a cabeça e os ossos impediam-no de travar qualquer contato. Por isso, o único lugar possível no hospital para ele era aquele banco de madeira duro e desbotado que o protegia do mundo sob a sombra da mangueira. A catatonía transpôs Fernando para uma dimensão incomunicável.

No entanto, sua percepção pôde capturar os sons da obra que estava acontecendo atrás do edifício central. Diziam que a diretoria do hospital havia concordado e liberado as verbas para a construção de uma quadra de esportes. Tanto melhor, pois os pacientes precisavam de outras formas de distração. Fernando

observou o movimento de ir e vir dos funcionários carregando carrinhos de mão com cimento, sem manifestar curiosidade nenhuma. Apenas notou que a rotina do hospital se alterou com as novidades trazidas pela doutora Nise e com aquela obra que espalhou barulho e sujeira por todos os cantos.

O enfermeiro Milton foi um dos voluntários que se libertou do jaleco, da camisa branca, vestiu *short* e camiseta, se juntou aos outros funcionários e ao pedreiro responsável para dar cabo da construção da quadra. Há uma década que a diretoria geral do hospital prometia essa obra. Mas, por razões burocráticas e por contenção de despesas, adiavam repetidas vezes o começo da empreitada. De modo que qualquer evento social, qualquer festa, Dia das Mães, Páscoa, Natal, era realizado justamente no pátio esburacado e mal iluminado. Milton era um dos apoiadores do projeto e, assim que a determinação da diretoria saiu, não titubeou e decidiu compor o corpo dos operários.

Certo feita, ao iniciar o turno da obra, aconteceu o inusitado: Milton encontrou uma cadela entre as escavações. A vira-lata tinha sido abandonada ou desaparecido, pelo que indicava a coleira. Seu estado era lamentável. Fedia muito. Tinha os pelos sujos de terra e de sangue. Mancava. A pata direita estava machucada. Alguma lesão causada por violência gratuita ou por algum pedestre desalmado que a tenha maltratado no caminho.

Milton arranjou uma toalha, envolveu a cadela e acomodou-a no colo. Com todo zelo possível, dirigiu-se até a sala da terapêutica, pousando a cadela em cima da bancada de metal. Alguns pacientes curiosos se aproximaram. O enfermeiro abriu a torneira, molhou o tufo de algodão e começou a limpar a ferida da pata

que, aos poucos, se mostrava profunda. Levada pela agitação dos pacientes, Nise foi conduzida até a sala. Adelina, por exemplo, sabia da paixão que a doutora nutria por animais. Por isso, havia urgência para que ela soubesse o mais rápido possível o que estava acontecendo.

Quando o enfermeiro se virou, abrindo o campo de visão na bancada, Nise percebeu o corpinho da cadela enrolado na toalha. Aquele estado fragilizado do animal comoveu a doutora, no que se prontificou a acariciar a barriga do animal, enquanto Milton lavava a ferida com tamanho cuidado e carinho, como se a cadela fosse de estimação.

- Apareceu aqui, doutora. Encontrei no meio da terra.
- Quando não temos pra onde ir é a terra quem acolhe de volta.
- O que fazemos com ela?
- Ora, Milton! O que acha? Ela já é filha desta casa. Vai ficar aqui.
- Se encrencarem?
- Encrencarem com animal?!

Caralâmpia

- Mas, doutora... – continuou Milton.
- Diga, querido.
- Como a bichinha vai se chamar? – Nise refletiu durante um tempo.
- Pensei que...talvez o apelido que papai carinhosamente usava pra me chamar.

– Qual?

– Caralâmpia vai ser o nome dessa coisinha linda e ela vai trabalhar comigo.

– Que nome gozado!

– Aquelas coisas do papai!

– Não entendi bem, doutora. O que quer dizer com trabalhar com a senhora?

– Ué! A cadela vai ser minha coterapeuta.

– Não brinca...

– Nunca falei tão sério.

Afeto

O caso parecia perdido. Havia tempo que um paciente não demorava tanto para se recuperar de uma sessão de eletrochoque. A catatonia que perturbava a saúde de Fernando permanecia. Seu espírito parecia ter se desprendido de algum modo naquele dia fatídico quando golfou sangue de tanto convulsionar. Os esforços da doutora Nise vinham sendo todos direcionados para a melhora do paciente, mas a resposta era nula. As dosagens de remédio já tinham alcançado o limite recomendado. Que mais havia a fazer?

No pátio interno, os pacientes adoravam brincar com a cadela Caralâmpia. Lançavam gravetos à distância estimulando-a correr pelos quatro cantos, abraçavam, beijavam e deixavam a cadela lambe seus rostos, pular em seus colos, fazer algazarra.

Naquele dia, o graveto caiu perto da mangueira. A cadela correu até lá para abocanhá-lo e se deparou com o solitário Fernando, que notou a presença do animal com um olhar espreitado. Caralâmpia não deu a mínima para o graveto. Sentou-se de frente para Fernando encarando-o com suas pupilas cor de amêndoa. Como o rapaz não reagia, a cadela encolheu a orelhinha e se deitou enroscada entre seus pés. A permanência do animal estimulou algum realinhamento interno em sua psique, alguma janela se abriu, de modo que principiou alisar o pelo da cadela. Cerrou os olhos, respirou a paz do momento, o frescor da sombra da árvore e se perdeu naquele roçar de dedos na maciez do dorso de Caralâmpia, que encontrou em Fernando uma pousada onde descansar de sua agitação.

Repentinamente se levantou e apoiou as duas patas da frente nas pernas de Fernando, que se inclinou em sua direção. Caralâmpia, sem mais aquelas, deu uma lambida longa e molhada no rosto do doente; que, naquela altura, não esboçava nenhuma expressão de dor. Fernando abraçou-a com uma ternura comovente e se manteve durante alguns segundos grudado nela, sentindo seu calor, ouvindo o palpitar de seu coração. Derramou uma lágrima fina junto de um sorriso que se abriu e remoçou sua alma.

— Caralâmpia! — suspirou o paciente com a voz embargada.

Salgado

— O Milton me deu o recado ainda a pouco dizendo que o doutor queria ter comigo — disse Nise em frente à porta que dava para a sala do diretor Salgado.

– Pois não. Entre! Puxe uma cadeira...

– Estou bem de pé. Pode dizer.

– O assunto é um pouco desagradável. Doutora, não está sendo encarado com bons olhos esse tanto de animais espalhados aqui pelo hospital. Tenho ouvido queixas...

– Qual é o incômodo?

– E precisa dizer? Esses animais vieram da rua! São sujos, pulguentos. Podem espalhar doença, sarna, coisas do gênero! Lamento, mas não são bem-vindos.

– E o que me recomenda que eu faça?

– Que os expulse daqui imediatamente.

– É impossível.

– Não me diga isso...

– Digo, sim, doutor Salgado. Esses bichos que você chama de pulguentos são, na verdade, meus coterapeutas. Eles têm me ajudado muito no tratamento dos...

– Ah! Por favor! – exclamou Salgado cortando a fala da doutora – Me poupe! Com que base científica você pode levantar uma hipótese dessa? Não exagere!

– Estou tentando justamente provar que os animais são, sim, mediadores eficazes na cura de doentes psicóticos e esquizofrênicos. É só ver a situação de Fernando...

– O que tem o Fernando?

– Depois que Caralâmpia, a cadelinha que encontramos, se aproximou dele, seu quadro de catatonia mudou significativa-

mente. Ele tem reagido bem aos estímulos. Está sociável com o grupo, alegre, sorrindo. Até brinca com o bicho, alimenta-o...

– Doutora, aqui não é uma associação protetora de animais. Isto é um hospital psiquiátrico! Por favor, compreenda.

– Você não entende. As dosagens de remédios dos pacientes que interagem com os animais vêm sendo reduzidas à metade! Isso quer dizer que...

– Não quer dizer nada! Não está provado cientificamente. É uma opinião sua...

– Eles precisam de amor, de uma forma emotiva de lidar com a psique...

– Não compartilho dessa opinião. Doente precisa ser tratado como doente.

– Com choque? Com paralisia?

– Com medicamentos adequados e não com crendices.

– O medicamento está no afeto. E Caralâmpia tem sido a cura para Fernando. Ela fez em uma semana o que você, com sua certeza científica, com sua máquina de tortura convulsiva, não conseguiu nem conseguirá realizar. Tenha uma boa tarde!

Grito

No hospital, uma das primeiras pessoas a chegar era Nazaré, que trabalhava no refeitório. A esmirrada funcionária que se deslocava da Baixada Fluminense até o Engenho de Dentro, a dedicada cozinheira, nunca se atrasava. Batia o ponto assim que o galo cantava na casa do vizinho. Tinha verdadeira paixão pelo ser-

viço. Quando os pacientes acordavam, sabiam que iam se deliciar com a canjica que ela fazia com esmero. Por isso, as manhãs no hospital eram os melhores momentos do dia. Em momentos de lucidez, diziam alguns pacientes que Nazaré era a cozinheira de mãos mágicas.

Ademais, cuidava com tamanha diligência dos animais do hospital. Nise ficava embasbacada de ver como a cozinheira era amada pelos cães e gatos que se achegavam no pátio e, graças à funcionária, encontravam abrigo e carinho. Ela construía, junto com Milton e os pacientes, casinhas para os bichos e espalhava pelo pátio cumbucas de água para os dias de calor. Salgado observava indignado. Chamava aquele comportamento de “abuso da máquina pública”. Mas Nazaré ignorava o mau humor do médico.

Naquele dia algo desarranjou violentamente a rotina. A cozinheira estranhou a quietude, pois Caralâmpia sempre corria para recebê-la quando ouvia o barulho da chave girando no portão do refeitório. Não houve lambida, nem abraço. Nazaré abriu a porta que dava acesso ao pátio. Foi quando paralisou com aquela visão terrível. Pelo chão o corpo da dócil Caralâmpia. Estava morta. No canto da boca, via-se transbordar uma espuma amarelada em torno da qual giravam algumas moscas impertinentes.

— Acorda, gente! Envenenaram a Caralâmpia! Assassinos! Assassinos!

Abraço

Entre todos os pacientes, o mais abalado com a morte de Caralâmpia era Fernando. Não havia quem mais agonizasse de dor. Quando chegou ao pátio, depois dos gritos enlouquecidos de

Nazaré, desmanchou-se em um choro incontrolável. Correu ao encontro da cadelinha e tomou-a no colo, feito filha. Esfregou a ponta do nariz em seu focinho, do jeito como sempre faziam ao se cumprimentar. Estava em prantos, de joelhos, olhando o corpo morto do animal. O gesto de Fernando era a pura expressão do desespero de quem perdeu a fonte de vida, quedando-se diante da filha morta – a *pietà* dos esquizofrênicos.

O estado fragilizado de Fernando estremecia qualquer coração mais sensível. Ele não largava Caralâmpia. Gritava seu nome o mais alto que podia. O pátio chorava. As folhas outonais caíam ainda mais tristes. Milton, Nazaré, Adelina e os demais pacientes estavam profundamente consternados. Em todos doía a morte, menos em Salgado que, de braços cruzados, contemplava friamente a cena do alto da janela, no segundo andar.

Nise se aproximou de Fernando. Bem que tentou, mas não conseguiu fazer com que se levantasse, pois seu corpo parecia acimentado no chão, agarrado ao bicho. A doutora cedeu ao esforço, ajoelhou-se diante deles e os abraçou, os dois, a cadela e o doente. Pranteou sem pudores. Deitou a cabeça no ombro daquele que nunca chamava de paciente, mas pelo nome. Fernando. Perder Caralâmpia daquele jeito estúpido implicava duro desfalque na rede de apoio do tratamento. Seria preciso buscar forças para lutar.

De repente, com o abraço que se fez ali, no meio do pátio, os outros animais do hospital apareceram. Pareciam imantados com a força daquele amor. O choro de Nise e a entrega de Fernando atraíram os demais bichos e todos eles, por fim, se acercaram e formaram um círculo. Os gatos que a doutora acarinhava e os

cães que brincavam com os pacientes envolveram-na com seus pelos. Misturavam-se, humanos e animais, não só através do roçar das peles, mas também do roçar da dor. Aquela convergência de afetos terminou por consolar, de maneira sincera e silenciosa, o coração do pobre Fernando. Foi um choque ainda mais pungente do que as descargas da sessão de eletroconvulsoterapia.